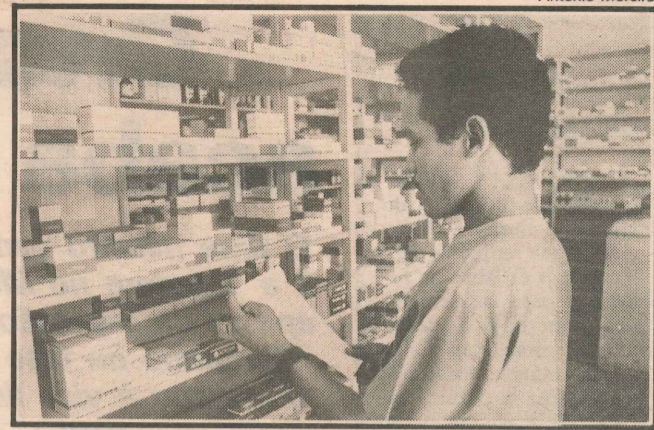


Adultos trazem da escola problemas de má caligrafia



Nas farmácias, há dificuldade de se ler receitas

Problemas no preenchimento de cheques, interpretação de receitas médicas e até a dificuldade para conseguir bons resultados em concurso são algumas das consequências da má caligrafia

Cleide Zanotti

Os adultos dão trabalho com os problemas gerados pela caligrafia ruim. Diariamente, receitas médicas ininteligíveis, os chamados garranchos, fazem com que pacientes e farmacêuticos sofram em tentar adivinhar qual o remédio indicado para determinado tratamento. Nos bancos, a situação não é diferente e inúmeras vezes cheques são recusados por não se entender o que está escrito neles.

O problema atinge ainda as provas de redação e discursivas dos vestibulares e não são raros os casos dos candidatos que obtêm baixa pontuação porque o professor não entendeu o que estava escrito nos testes.

Nas farmácias a má caligrafia domina o receituário azul, indicado para remédios controlados pelos médicos e que têm de ficar retidos nesses estabelecimentos.

O presidente da Associação de Farmácias do Estado, Henrique Denicole, disse que apesar do médico estar sujeito a punições severas caso receite um remédio com letra ininteligível, não são raros os casos dos farmacêuticos e balconistas não entenderem o nome do medicamento prescrito.

Segundo ele, muitas vezes os farmacêuticos são obrigados a recorrer a publicações no Diário Oficial da União, onde estão relacionados os remédios e até a perguntar quais são os sintomas do paciente para adivinhar qual o medicamento receitado.

Dessa forma e com a ajuda do paciente, as farmácias conseguem decifrar o que está escrito na receita. O mesmo acontece com os professores, que ao corrigirem as redações dos alunos chegam a ter que devolver algumas para serem reescritas ou então aplicam notas inferiores porque não compreenderam a letra.

Esses casos são tão frequentes nos concursos, que os cursos de pré-vestibular orientam os alunos a capricharem na letra durante a elaboração de uma redação ou de uma prova discursiva.

CALIGRAFIA

Os supervisores educacionais explicam que a má caligrafia tem origem na infância e vem da alfabetização. Durante essa fase, a criança tem que aprender a desenvolver uma boa caligrafia. Mas o descaso por parte dos professores e dos pais para esse aspecto faz com que a criança cresça com a letra ruim e venha a ter problemas futuros.

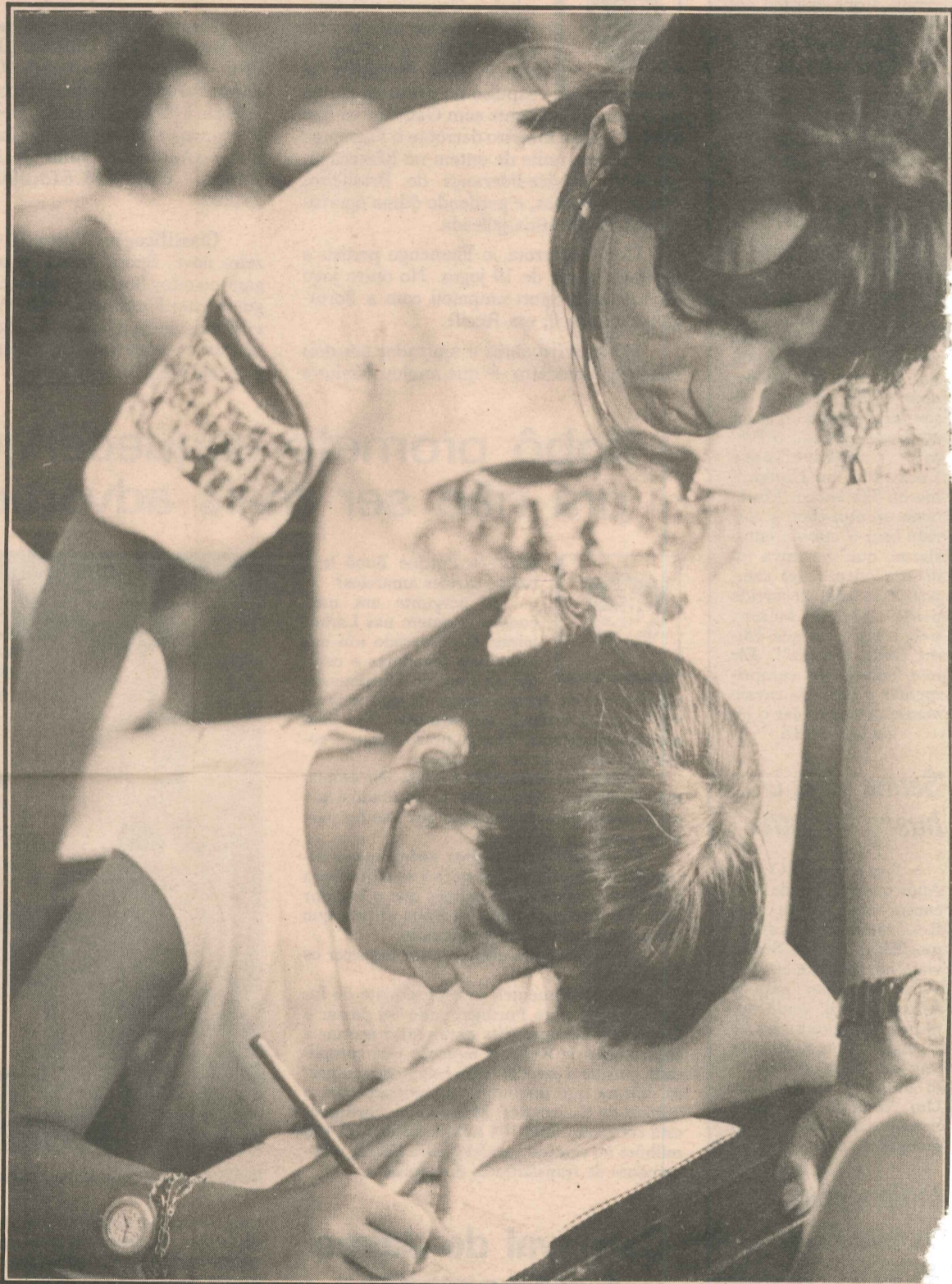
A supervisora educacional Armanda Ferreira Loza informou que a pessoa tem a oportunidade, desde a alfabetização, de desenvolver uma boa caligrafia, que está diretamente relacionada com a coordenação motora da criança.

Para a professora da primeira série do primeiro grau, Naly Marques, a criança desde a pré-escola deve começar a dominar a forma de escrever com a ajuda dos professores.

Naly Marques, no entanto, é contra o uso dos chamados cadernos de pauta, que limitam o espaço da escrita, aperfeiçoando-a e são muito utilizados na pré-escola: "Os cadernos de caligrafia tolhem a criatividade da criança".

Já a diretora e supervisora Ângela Passamani observou que geralmente os alunos no período de alfabetização capricham na letra. "Mas quando já dominam a escrita se sentem seguros e não se preocupam em desenvolver uma boa caligrafia".

Os educadores observam ainda que muitas vezes determinados profissionais, como médicos e jornalistas, são obrigados a escrever muito rápido, o que gera uma caligrafia ruim.



O descaso de professores e pais pode gerar problemas de má caligrafia

Confusão já rendeu processo

A má caligrafia é causa de processo no Conselho Regional de Medicina do Espírito Santo (CRM-ES). O CRM está investigando, em sigilo, o caso da médica Sônia Blackman, acusada de ter preenchido com letra ininteligível uma receita médica, o que levou a uma superdosagem de medicamento e à morte de uma menina de 49 dias, no Posto de Saúde de Santo Antônio, de acordo com os pais da criança.

A suspeita é de que a letra ruim da médica levou à má leitura da receita, fazendo com que fossem aplicadas 15 gotas, ao invés de uma, do broncodilatador pulmonar Berotec, o que levou a uma superdosagem do medicamento, aplicado durante uma nebulização.

Os pais da criança Anne Gabriel Julião, vítima da superdosagem, afirmam que na receita, a letra "g" se confundia com o número cinco, o que teria feito com que houvesse um erro na hora de se aplicar o medicamento.

O caso, que ocorreu em março do ano passado, vem ainda sendo detalhadamente investigado pelo CRM-ES. Segundo o presidente da entidade, Valdério Detoni, o processo está sendo mantido em sigilo, como está previsto pelo Código de Ética Médica.

Se considerada culpada, a médica pode ser punida através de uma advertência secreta ou até mesmo com a cassação do registro profissional.